

LIVRO DE POEMAS

Era Colonial

Quinhentismo

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,
Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

Amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

-Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.

(Pe. José de Anchieta)

Barroco

Inconstância das coisas do mundo

Nasce o Sol e não dura mais que
um dia,

Depois da Luz se segue a noite
escura,

Em tristes sombras morre a f
ormosura,

Em contínuas tritezas e alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que
nascia?

Se é tão formosa a Luz, por que
não dura?

Como a beleza assim se
transfigura?

Como o gosto da pena assim se
fia?

Mas no Sol, e na Luz falta a
firmesa,

Na formosura não se dê
constancia,

E na alegria sinte-se a triteza,
Começa o mundo enfim pela
ignorância,
E tem qualquer dos bens por
natureza.
A firmeza somente na
incostância.

(Gregório de Matos)

Arcadismo

Que inflexível se mostra , que constate .

Que inflexível se mostra, que
constante

Se vê este penhasco! já ferido

Do proceloso vento, e já
batido

Do mar, que nele quebra a
cada instante!

Não vi; nem hei de ver mais
semelhante

Retrato dessa ingrata, a que
o gemido

Jamais pode fazer, que
enternecido

Seu peito atenda às queixas
de um amante.

Tal és, ingrata Nise: a
rebeldia,
Que vês nesse penhasco, essa
dureza
Há de ceder aos golpes
algum dia:

Mas que diversa é tua
natureza!
Dos contínuos excessos da
porfia,
Recobras novo estímulo à
fereza.

(Clàudio Emanuel da Costa)

Era Nacional

Romantismo

O ANAGRAMA

Autor : Gonçalves de Magalhães

Dos vates a antiga usança
Quis respeitoso seguir,
Ensaando em anagrama
Teu doce nome exprimir;
Mas a mente em vão se
cansa,
No desejo que me inflama
Nada me vem acudir.

Não desistindo da idéia,
Volto a ela sem cessar;
Diversos nomes invento,
Sem nenhum poder achar,
Que seja nome de idéia,
E se preste ao meu intento,
Sem o teu muito ocultar.

Vendo alfim que não podia
Teu anagrama fazer;
Que quantos eu inventava
Nada queriam dizer;
Uma idéia à fantasia,
Quando já nada esperava,
Me veio enfim socorrer.

Foi idéia luminosa,
Direi quase inspiração,
Pois que senti de repente
Palpitar-me o coração.
Sua força imperiosa
Foi tal, qu'eu obediente
Dei-lhe pronta execução.

De papel em uma fita
Teu lindo nome escrevi;
Pondo as letras separadas,
Co'a tesoura as dividi.
Cada solta letra escrita
Enrolei, e baralhadas,
Numa caixinha as meti.

Tudo ao acaso deixando,
Da sorte o cofre agitei;
E tirando-as de uma em uma,
Uma após outra as tracei.
Oh prodígio! Oh pasmo!
Quando
Esta maravilha suma
De um mero acaso esperei?

Já Urânia — escrito estava!
Foi Amor quem o escreveu!
Não, não foi obra do acaso;
Teu nome veio do céu!
Aquele — já — me ordenava
Que da Urânia do Parnaso
Fosse o nome agora teu

Que para mim renascida ,
A Musa Urânia serás.
Que ao céu e a Deus minha mente
Tu sempre levantarás.
Musa real, não fingida,
Unida a mim ternamente,
Celeste amor me terás .

Realismo

Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

(Machado de Assis)

Naturalismo

Amor

Amemos! Quero de amor
Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão!
Na tu'alma, em teus encantos
E na tua palidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus lábio beber
Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela,
Minha'alma, meu coração!
Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!

(Aluísio Azevedo)

Parnasianismo

Ao coração que sofre

Ao coração que sofre, separado
Do teu, no exílio em que a chorar me
vejo,
Não basta o afeto simples e
sagrado
Com que das desventuras me
protejo.

Não me basta saber que sou
amado,
Nem só desejo o teu amor: desejo
Ter nos braços teu corpo delicado,
Ter na boca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me
consomem
Não me envergonham: pois maior
baixeza
Não há que a terra pelo céu trocar;

E mais eleva o coração de um homem
Ser de homem sempre e, na maior
pureza,
Ficar na terra e humanamente amar.

(Olavo Bilac)

Simbolismo

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,

Pôs-se na torre a sonhar...

Viu uma lua no céu,

Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,

Banhou-se toda em luar...

Queria subir ao céu,

Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,

Na torre pôs-se a cantar...

Estava longe do céu...

Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu

As asas para voar. . .

Queria a lua do céu,

Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu

Ruflaram de par em par...

Sua alma, subiu ao céu,

Seu corpo desceu ao mar...

(Alphonsus de Guimaraens)

Pré - Mordenismo

Saudade

Hoje que a mágoa me apunhala o seio,
E o coração me rasga atroz, imensa,
Eu a bendigo da descrença em meio,
Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noite quando em funda soledade
Minh'alma se recolhe tristemente,
Pra iluminar-me a alma descontente,
Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento,

Da saudade na campa enegrecida
Guardo a lembrança que me sangra o peito,
Mas que no entanto me alimenta a vida.

(Augusto dos Anjos)

Mordenismo

Fotógrafo Ambulante

Fixador de corações

Debaixo de blusas

Álbum de dedicatórias

Marquereau

Tua objetiva pisca-pisca

Namora

Os sorrisos contidos

És a glória

Oferenda de poesias às dúzias

Tripeça dos logradouros públicos

Bicho debaixo da árvore

Canhão silencioso do sol.

(Oswald de Andrade)

Pós- Modernismo

O cão sem plumas

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,

dos peixes de água,
da brisa na água.

Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.

Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos povos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as
ostras

Aquele rio
jamais se abre aos peixes,
ao brilho,
à inquietação de faca
que há nos peixes.
Jamais se abre em peixes.

(João Cabral de Melo Neto)